

# O AQUEDUTO DA MÃE D'ÁGUA

## VILA FRANCA DO CAMPO

N'ZINGA OLIVEIRA CHAM – FCSH - UNL | UAç  
JOANA RODRIGUES

**RESUMO** Na história de Vila Franca do Campo, permanecem vestígios de que a arqueologia é responsável por interpretar, somando factores que validam ou não a historiografia existente. O Aqueduto da Mãe d'Água foi identificado no decorrer de trabalhos de Arqueologia preventiva, no âmbito da Construção da Scut dos Açores, Variante a Vila Franca do Campo. Este elemento comumente conhecido pela população local, como o "Arco", encontra-se no caminho da Mãe de Água e fez chegar água de uma nascente da encosta Norte à Vila, nos últimos 200 anos. Efetuou-se o registo exaustivo da estrutura e procedeu-se à investigação documental e de campo. A inscrição gravada no arranque de um dos arcos da estrutura, sustentou a informação das fontes escritas colidindo numa datação que indica o ano de 1779. No entanto, foi possível identificar 2 fases distintas de construção *in situ* e descrevê-las, interpretando de que forma se fundiram no tempo.

**PALAVRAS-CHAVE** Mãe de Água, aqueduto, Vila Franca do Campo, Açores

### INTRODUÇÃO

As ilhas surgem como pontos de apoio e escala, de recursos preponderantes ao Reino que explora novos territórios para incremento da sua economia e do seu sustento. Neste caso específico, iremos indicar resultados de um estudo desenvolvido na Ilha de São Miguel, nos Açores. Indiscutivelmente, o mar é aqui o principal elo de ligação e eleva-se na análise de argumentos como interveniente directo ou indirecto da história da ilha e conseqüentemente da sua primeira Vila: o seu desenvolvimento foi directamente proporcional à variação do fluxo das rotas mercantis. E assim, ainda como ponto de apoio, a ilha foi também centro de grandes acontecimentos que passaram pela

expansão, exploração e domínio de territórios tendo em vista o império económico (Braudel, 1995, p. 177-178). Neste contexto, procurámos inserir um excerto da história de S. Miguel e de Vila Franca do Campo, e os vestígios que dela permanecem, que a arqueologia é responsável por interpretar, somando factores que validam ou não a historiografia existente.

### INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA EM VILA FRANCA DO CAMPO

Em contextos de arqueologia preventiva, realizou-se o acompanhamento arqueológico da empreitada da "SCUT - Açores, Eixo Sul - Lanço 1.7 a Vila Franca do Campo" sob a responsabilidade da empresa Amphora



1. Vista geral da estrutura antes da limpeza do terreno.



2. Alçado Sul, vista dos 3 Arcos e do caminho da Mãe de água.

Arqueologia, tendo-se realocado vários elementos patrimoniais do concelho, previamente referidos em fase de estudo do projecto e identificado um elemento patrimonial em iminente afectação directa de impacte negativo durante a fase de execução da obra. Este Elemento Patrimonial foi identificado como parte de uma estrutura de arquitectura civil, nomeadamente de um aqueduto, na freguesia de S. Miguel do Concelho de Vila Franca do Campo, Ilha de São Miguel no Arquipélago dos Açores à qual para efeitos cartográficos corresponde a Carta Militar A33-1.

Além de colocadas em prática todas as medidas de minimização do impacte previsto sobre a estrutura do Aqueduto, foi tida em especial atenção o estudo e registo detalhado de toda a estrutura visível, especificamente o registo topográfico, fotográfico e desenho técnico, seguindo-se a prospecção sistemática da área envolvente. A pesquisa bibliográfica e o contacto com entidades locais contribuíram para a interpretação, enquadramento e contextualização histórica.

A estrutura visível *in situ*, com uma altura máxima de 10 metros, apresenta três arcos de volta inteira e atravessa o caminho da Mãe de Água no sentido Nordeste/Sudoeste, caminho esse, outrora em calçada como se pode ainda testemunhar pelo troço que surge no limite do asfalto (fig. 2). O arco principal, com impostas no lado interno que marcam a intercepção com o muro, apresenta uma volta inteira constituída por uma pedra de freixo e oito pedras para cada lado totalizando 17 peças (fig. 3). Os arcos secundários também de volta inteira, são constituídos apenas por 16 pedras e um deles encontra-se, actualmente, emparedado com pedra e argamassa. Os arcos assentam num muro, interrompido pela passagem do caminho supra referido, de secção rectangular, em cantaria com juntas de argamassa e algumas secções rebocadas alternadamente. A completar e como elemento essencial à funcionalidade do aqueduto existe a caleira de secção circular em cerâmica pouco porosa, com cerca de 15 cm de diâmetro, protegida por um reboco tosco decorado



3. Pormenor do Arco Principal.



4. Caleira de secção circular protegida por reboco tosco.

em algumas secções por pequenos seixos rolados (fig. 4). Na parede exterior Norte identificou-se o acrescento de uma caleira de secção circular com 5 cm de diâmetro, em cerâmica fina, fixa com suportes em ferro e coberta por cimento (fig. 5).

As faces externas do aqueduto revelam dois momentos de construção diferentes (fig. 6). O primeiro momento caracteriza-se por ser constituído por pedra de estereotomia indefinida com juntas de argamassa e coberto por reboco (fig. 7). O segundo momento da sua construção, integra parte da estrutura que encimava o aqueduto na sua versão original e acrescenta pedra também de estereotomia indefinida, sem juntas de argamassa e sem

reboco (fig. 8). No limite dos dois momentos é possível visualizar o aproveitamento da cantaria, com caleira re- cortada de secção rectangular, que corresponderia ao canal de água original, da 1.ª fase de construção, posteriormente integrada na remodelação do aqueduto. Esta caleira em cantaria apresenta-se dividida em várias peças com recorte de encaixe correspondente alternadamente a macho e fêmea (fig. 9).

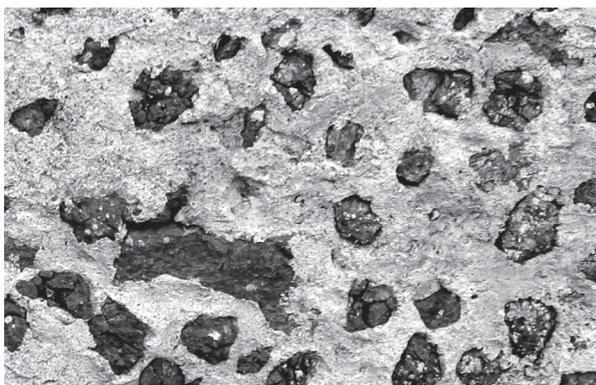
A estrutura apresenta ainda um pormenor de destaque na face externa do aqueduto orientada para nascente, entre o arco principal e o arco secundário Norte, numa pedra de cantaria preserva-se a inscrição da datação "1779" daquele que se concluiu ser o primeiro momento



5. Pormenor de uma secção da caleira.



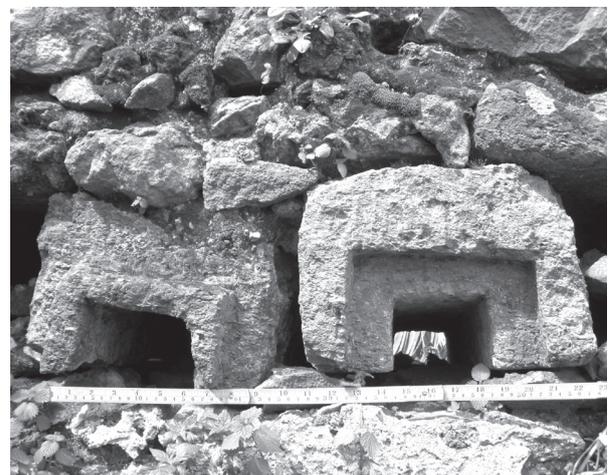
6. Vista de 2 tipos de tratamento dos materiais da estrutura.



7. Pormenor do revestimento com reboco.



8. Pormenor do revestimento sem reboco.



9. Pormenor da caleira de secção rectangular, talhada em pedra.

de construção do aqueduto (figs. 10 e 11). Com efeito, através desta referência foi possível consultar a documentação do arquivo municipal e comprovar a data da construção do Aqueduto, apurando também o custo total da obra em 12.497\$51 Reis. Citamos uma passagem do livro de Contas da Câmara com a relação de materiais utilizados e alguns serviços prestados na construção da estrutura, durante o mês de Setembro de 1779:

*“Ao Alferes Francisco da Mota deferia para fazer pagamento aos officiaes que andarão trabalhando na obra da agoa Real a saber aos officiaes 2\$760 para os serventes 1\$950 a quem acarretou cal e areia e pedra da pedra de cantaria 2\$100 para os cabouqueiros 600 para os serradores 5 dias 1\$600 para o ferreiro que fez pregos para os simples e fez cunhas e aro 1\$290 que tudo soma como consta do conhecimento do recibo dez mil e quinhentos*



10. Cantaria do muro com inscrição.



11. Pormenor da inscrição “1779”, ano de construção.

*reis...10\$500. O escrivão António Soares”* (Livro de Contas da Câmara 1779-1780, BPARBG, fl.359).

Do prolongamento da estrutura do aqueduto, segue apenas uma secção de muro no sentido Sudoeste-Noroeste e actualmente termina no limite de terreno das propriedades que o cercam. Estima-se que aquando da delimitação de propriedades e lavra de terrenos, ocorreu a desactivação do aqueduto e grande parte da estrutura tenha sido destruída sendo a cantaria aproveitada para a construção de muros de limite de propriedades.

Curiosamente, após a limpeza do terreno que rodeava a estrutura, distinguiu-se na extremidade Sudoeste do aqueduto, um muro com arranque na estrutura do elemento, formando uma inflexão e bifurcação da estrutura orientado a Este. A leitura deste pormenor é praticamente nula, pelo avançado estado de degradação e devido à abrupta interrupção da estrutura pelo perceptível derrube no terreno. No entanto, é notório que o Aqueduto teve como principal função a captação de água da nascente localizada a Norte para abastecimento da vila e seus conventos.

#### UM AQUEDUTO NA VILA

A construção do aqueduto pode estar também, relacionado com a necessidade de fazer chegar água potável à área urbana da vila. Sabe-se que passava uma ribeira na vila, conhecida por Ribeira dos *Pelames*, indício que a água da ribeira teria sido provavelmente contaminada pelo tratamento de couros. A par desta referência, não podemos descurar as necessidades básicas, como água, ao crescimento da Vila e das suas infra-estruturas. Ao desenvolver uma análise de Vila Franca do Campo, remontamos forçosamente a contextos cronológicos de finais do século XV, período correspondente ao início do povoamento da Ilha e elevação a Vila desta povoação. Ainda nesse século, a região prosperou usufruindo de vários benefícios fiscais como testemunhou o cronista Gaspar Frutuoso *“Franca”* porque, *“...logo no principio, tirando os dízimos que somente se pagam a el Rei, era franca de todas as coisas e direitos...”*, e, *“do Campo”* por se localizar *“Defronte do mais formoso ilhéu (...) num campo plano e extenso...”*. (Frutuoso, 1924, p. 37-38, 42-43)

O estabelecimento da alfândega justificou-se pelo volume de trocas comerciais realizadas no seu porto, onde circulavam produtos locais, do reino e de outros portos do Império português em expansão. Conquanto a região tenha passado por dificuldades económicas e estruturais causadas pelo terramoto de 1522, a sua recuperação foi bem sucedida e várias famílias nacionais e estrangeiras investiram na vila e respectivas



12. Corte Norte da área envolvente com 2 unidades estratigráficas (Terra vegetal e sedimentos pomíticos).

freguesias, construindo fazendas de exploração de trigo e pastel para exportação, garantindo também o plantio variado de produtos para consumo local e de pastos para o gado (Rodrigues, J., 2005, p. 38, 205). Em consequência, os regos de água em terras de cultivo e de pasto interrompiam regularmente o fluxo natural das ribeiras e suas nascentes, impedindo a chegada de água, principalmente água potável à Vila. Desta forma e à semelhança de outras vilas da Ilha, o problema

de abastecimento e encanamentos de água constou da lista de “preocupações” das sessões de câmara conforme referências que constam nas *Correições* de 1575 a 1716, a exemplo: “Mandou que os ditos oficiais recolhessem a água na nascente dela, em abundância para não faltar na Vila e Conventos”, “Mais mandou o Corregedor que se concertasse o cano da água das Freiras, e mandou que se fizesse pelo melhor modo e mais duravel que pudesse ser e se pusesse em pregão a quem menos o fizesse, para as freiras pagarem metade e o concelho metade.” (Dias, 1927, p. 126, 149)

Não obstante, os benefícios fiscais de que usufruíam os habitantes da Vila, a necessidade de construção e reparação de infraestruturas para a condução e abastecimento de água local, implicou desde cedo, como indica a correição de 1598 a criação da imposição sobre o vinho e carnes, o denominado «real de água» (Arquivo dos Açores, p. 495), além de proibições específicas na lida das culturas e pastos nas correições do ano de 1609 e de 1705 (Dias, 1927, p. 82, 94, 227).

As primeiras informações que se obtiveram acerca do aqueduto da Mãe d’Água, provenientes de fontes orais, comprovam a sua datação e funcionalidade,



13. Resultado final de integração de “obra de arte” e salvaguarda do Elemento Patrimonial.

acrescentando o facto de ter sido o primeiro sistema de água canalizada da Vila, transportando água para o Convento de S. Francisco. Da análise toponímica o elemento referido pela população como “O Arco” deu origem ao nome da rua que liga o caminho da Mãe de Água ao centro da Vila. Na obra de Urbano Mendonça Dias, a designação “Arcos da água Real” indica a captação de água para abastecimento da Vila e em particular o Castelo Real ou, como também é referido, Forte do Corpo Santo, onde se dava a aguada às embarcações em escala (Dias, 1927, p. 126).

### MEDIDAS PREVENTIVAS

Durante a execução da empreitada, o acompanhamento arqueológico teve especial atenção para com este elemento, monitorizando todos os trabalhos realizados na envolvente do mesmo. Como medida preventiva primordial, foram contactadas as entidades promotoras da empreitada, entidades locais e de tutela, na busca consensual de uma solução de salvaguarda dos arcos do aqueduto. Quanto à monitorização e ao registo de corte estratigráfico durante a abertura de caminhos de acesso revelaram a continuação da caleira do Aqueduto, correspondente à fase contemporânea de exploração do mesmo e dois níveis estratigráficos compostos por

terra vegetal e sedimentos pomíticos respectivamente. Em simultâneo efectuou-se a monitorização das vibrações provocadas pela passagem de maquinaria pesada, seguindo a norma portuguesa NP-2074 de 1983.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A solução final apresentada para a salvaguarda dos Arcos da estrutura do Aqueduto, consistiu na construção de um viaduto de passagem superior ao elemento patrimonial, permitindo a preservação integral da estrutura, ainda que se tenha alterado e descaracterizado a paisagem envolvente.

A datação exacta e o estudo desenvolvido, permitiu estabelecer novos elementos e consolidar informações documentais para a historiografia local, articulando a função do Aqueduto com o contexto socioeconómico da Vila em finais da época Moderna. No entanto, a prospecção arqueológica sistemática e a monitorização revelaram ausência de estruturas e ou materiais arqueológicos na envolvente do Elemento. Por fim, do estudo desenvolvido e do esforço conjunto das entidades locais, o Aqueduto irá integrar um conjunto de elementos que formarão o Circuito do Património no concelho de Vila Franca do Campo.

## BIBLIOGRAFIA

APONTAMENTO *Histórico e Etnográfico S. Miguel e S. Maria* (1986) – Concelho de Vila Franca do Campo. Ponta Delgada: Direcção Escolar de Ponta Delgada. 4v.

ARQUIVO *Açores* (1881) – Alvará Concedendo a imposição no Vinho e Carne à Câmara de Vila Franca para se Encanar a água de 2 de Setembro de 1556. Ponta Delgada: Typ. do Archivo dos Açores. 3. p. 459.

BIBLIOTECA Municipal e Arquivo Histórico Bento de Góis (BARHBG). *Livro de Contas da Câmara de 1774 a 1780*. Vila Franca do Campo.

DIÁRIO *Insular* (2009) ano LXIII, nr. 19364, 19 Mar.

ABRANCHES, J. (1869) – *Album Michaelense*, Ponta Delgada: [s.n.].

ANDRADE, T. (1994) – *O cicerone de Vila Franca do Campo, Notas Históricas da Antiga Capital de São Miguel*. Vila Franca do Campo: Editorial Ilha Nova da Câmara Municipal.

BAPTISTA, A. (Dir.) (1903) – *Album Açoriano*. Lisboa: Editores Oliveira & Baptista.

BRAUDEL, F. (1995) – *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Filipe II*: D. Quixote. 1. 2.ª ed., p. 177-178.

DIAS, U. (1944) – *A vida de Nossos Avós, Estudo etnográfico da vida Açoreana através das suas leis, usos e costumes*. Vila Franca do Campo: Tip. A crença.

DIAS, U. (1927) – *A Vila, Correições de 1575 a 1716*. [S.l.: s.n.]. v.6, p. 82-227.

DIAS, U. M. (1918) *A Vila – Edificação e Reedificação de Vila Franca do Campo, privilégios e garantias dos seus cidadãos*. [S.l., s.n.] 3v.

DRUMOND, F. F. (1970) – *Apontamentos Topográficos, Políticos, Civis e Eclesiásticos para a História das nove ilhas dos Açores*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.

FRUTUOSO, G. (1924) – *Livro Quarto das Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. 2v.

RODRIGUES, J. (2005) – A Sociedade. A. T. de Matos (coord.) *Nova História da Expansão Portuguesa. A Colonização Atlântica*. Lisboa: Editorial Estampa. 3:1, p. 446-491.

RODRIGUES, J. (2007) – *Off the Islands: os Açores no contexto da primeira expansão inglesa*. In *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Actas do IV Colóquio: *No Bicenário do Consulado dos E.U.A. nos Açores: O Tempo dos Dabney*. Horta: Núcleo Cultural da Horta. p. 87-100.

SANTOS, J. (1989) – *Os Açores nos séculos XV e XVI*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos assuntos Culturais. 2v.

SUPICO, F. (1995) – *As Escavações*. Ponta Delgada: Instituto Cultural. 6.